

LINGUAGEM, INTERAÇÃO E ENSINO: REFLEXÕES SOBRE GRAMÁTICA EM CONTEXTO EXTENSIONISTA

Anderson Braga do Carmo¹ (PO – anderson.carmo@ueg.br), Ariadne Gabriela Silva Garcia¹ (EX), Danielle Souza Martins¹ (EX), Fabrienny Vieira Alves¹ (EX), Fernanda Sousa Rosa¹ (EX) e Terezinha Gregorio dos Santos¹ (EX).

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75862-196, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: No âmbito do Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (LEALL) do curso de Letras da UEG, o Centro de Descrição e Análise Linguística (CEDAL) configura-se como um projeto extensionista voltado para estudantes do ensino básico da cidade de Quirinópolis, os quais busquem aprimorar os seus conhecimentos em língua portuguesa, a partir de uma abordagem interacionista, contextualizada e emancipadora da gramática, tal como propõe Antunes (2002 e 2014). Visto isso, o objetivo desse estudo é o de compartilhar os resultados e as reflexões sobre as ações desenvolvidas pelo projeto, com destaque para um questionário aplicado em nossa primeira inserção em uma escola pública do município. Tendo como propósito fomentar o ensino de gramática de forma crítica e humanizadora, o projeto intenta minimizar o preconceito linguístico e a exclusão social, além de auxiliar estudantes do ensino básico e da graduação no enfrentamento aos problemas emergentes e às necessidades relacionados à linguagem. Por outro lado, o projeto oportuniza uma vivência prática e a imersão no contexto educacional, fornecendo aos graduandos participantes as ferramentas didático-pedagógicas e avaliativas necessárias para planejar, desenvolver e executar aulas significativas e entrelaçadas à conscientização linguística e ao ensino, bem como o aprofundamento de conhecimentos e saberes da docência e da área de língua portuguesa. Visto isso, entendemos que a atuação do Centro de Descrição e Análise Linguística se faz necessária, enquanto projeto de extensão, pois nos permite compreender, por meio da interação dialógica, os dilemas e as problemáticas que encontramos para se promover um ensino de língua portuguesa que desmistifique alguns pontos e sinalize uma série de potencialidades e abordagens metodológicas.

Palavras-chave: Gramática contextualizada. Abordagem interacionista. Extensão universitária. Ensino básico. Pedagogia histórico-crítica.

Introdução

Segundo Antunes (2014, p.61), “a aprendizagem da gramática tem que ser contextualizada, em textos reais, e apoiada pela observação das funções comunicativas que são pretendidas nesses textos”. Então, incursionados nesta proposta contextualizada e interacionista de se trabalhar com a gramática, o projeto

de extensão “Centro de Descrição e Análise Linguística” da UEG, o CEDAL, objetiva instrumentar os graduandos do curso de Letras para atuarem de forma crítica no Ensino Básico, promovendo reflexões sobre os usos da língua e ampliando o repertório linguístico dos estudantes do Ensino Fundamental.

Nessa direção, o projeto busca, por um lado, realizar momentos de aprofundamento sobre o conteúdo gramatical e o seu ensino, fornecendo aos futuros professores as ferramentas didático-pedagógicas e avaliativas necessárias para planejar, desenvolver e executar aulas dinâmicas e eficazes entrelaçadas à abordagem contextualizada de gramática. Por outro lado, a iniciativa oportuniza vivências práticas e a imersão dos graduandos no espaço escolar, os quais podem realizar o batimento entre os conhecimentos teóricos, advindos da formação universitária, e a prática em sala de aula, compreendendo as necessidades e as dificuldades dos estudantes perante o ensino de língua portuguesa.

Visto isso, o objetivo desse estudo é o de compartilhar algumas apreensões em torno da abordagem e do conceito de gramática, constituídas a partir das respostas de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, a um questionário aplicado em nossa primeira inserção na escola. Assim, fazendo valer o princípio extensionista da interação dialógica (Quimelli, 2016), queríamos saber quais eram as compreensões e dificuldades em torno do ensino de gramática e a realização da análise linguística nas aulas de língua portuguesa, para então iniciarmos as nossas práticas interventivas.

Considerações Metodológicas

O CEDAL se realiza em dois espaços: o da universidade, no qual realizamos, em 2025, quinzenalmente reuniões para instrumentação da equipe, constituída por um docente e nove graduandos do curso de Letras. Nestas, busca-se realizar um batimento entre teoria e prática, a partir da discussão de tópicos como descrição linguística, gramática, ensino de língua portuguesa e abordagens metodológicas. Ademais, nestas reuniões ocorrem o planejamento das ações interventivas que são realizadas no ensino básico.

O outro espaço é o das escolas da cidade, que em 2025 foram duas instituições de ensino públicas. Nestas, atendemos cerca de 70 (setenta) estudantes, sendo 36 (trinta e seis) do sétimo ano do Ensino Fundamental, e 34

(trinta e quatro) do terceiro ano do Ensino Médio. Nestas escolas, o CEDAL atuou nas aulas de língua portuguesa, as quais foram cedidas por docentes das escolas que não parceiras do curso de Letras da UEG. Também, buscamos auxiliar as professoras em relação a conteúdos já programados para serem trabalhados com os estudantes de cada nível de ensino.

Considerando-se a nossa organização, o que explicitaremos no espaço deste texto, ancorados na abordagem de Antunes (2007 e 2014) sobre gramática contextualizada, e de Quimelli (2016), sobre o princípio extensionista da interação dialógica, é uma reflexão advinda da aplicação de um questionário em nossa primeira inserção em uma das escolas, para estudantes de dois terceiros anos do Ensino Médio, o qual tinha o objetivo de nos guiar em torno do trabalho a ser realizado na escola. O questionário foi composto por cinco perguntas, as quais questionavam sobre o conceito e a abordagem dos termos análise linguística e gramática nas aulas de língua portuguesa.

Resultados e Discussão

A partir do questionário aplicado foi possível verificar que 85% dos estudantes já ouviram falar de análise linguística em seu percurso acadêmico, ou seja, a maioria dos jovens que participaram da investigação, o que não coincide totalmente com o questionamento sobre o que seja, pois apenas 67% disseram saber o que é análise linguística. Já em relação à gramática, 94% disseram que estão acostumados com o termo na escola, o que nos mostra que os termos gramática e análise linguística são componentes curriculares presentes na cultura escolar.

Contudo, quando questionados sobre o fato de gostarem de gramática, tivemos uma divisão de respostas, com 50% dos estudantes dizendo que gostam e 50% dizendo que não. Enquanto os argumentos apresentados sobre o fato de gostarem reforçarem a ideia de “ser algo essencial para nós”, “ser importante para a comunicação”, “essencial para a convivência”, “para falar e escrever de forma clara e objetiva” e “ajuda a falar e escrever corretamente”, os argumentos utilizados pelos que não gostam reforçam estigmas como “acho chato”, “por que é difícil”, “não é interessante”, “é um tanto complicada”, “não tenho muito conhecimento

sobre” e “tenho dificuldade”.

Visto isso, verificamos que muitos estudantes possuem uma compreensão de gramática muito alinhada a um “conjunto de normas que regulam o uso da norma culta” (Antunes, 2007, p.30), considerando apenas os usos prestigiados e prescritivos da língua. Nesta direção, concentram-se mais as respostas sobre não gostar de gramática. Outros estudantes a compreendem como uma disciplina de estudo, o que se observa, por exemplo, em respostas que comparam gramática com outras disciplinas escolares: “gosto mais de outras matérias”. Por fim, também notamos uma concepção de gramática que a relaciona à “descrição e funcionamento da língua” (Antunes, 2007, p.33), o que pode ser verificado tanto nas respostas de quem gosta, quando é sinalizado a sua importância para a comunicação e a interação, quanto em respostas negativas, quando se assumem “as dificuldades” de aprendizagem.

Logo, entendemos que a abordagem da gramática, ou ainda da análise linguística na escola carece de uma atenção maior pelos professores de língua portuguesa, pois reforça uma abordagem da língua portuguesa totalmente descontextualizada em sala de aula, distanciando o que se aprende na escola, dos usos reais do idioma nas mais diversas esferas de interação. Dessa forma, o imaginário sobre gramática corresponde a um “conjunto de prescrições idealmente propostas”, de “como deve ser” (Antunes, 2014, p.68), fazendo valer um discurso sobre a necessidade da norma-padrão. Contudo, entendemos que dever-se-ia preferir na escola a aplicação da língua em contextos reais de uso, decorrente “de circunstâncias históricas e socioculturais vividas pelos falantes” (Antunes, 2014, p.69), fazendo valer a norma culta, por exemplo, ou quaisquer outras, a depender do objeto de conhecimento a ser trabalhado em sala de aula.

Quando falamos sobre a necessidade de se trabalhar com análise linguística, ou com a gramática contextualizada, reforçamos a necessidade de nos afastarmos de um ensino de língua portuguesa que prioriza algo que é apenas idealizado em termos de língua, o que reforça a aprendizagem da língua como algo “chato” ou “difícil”. Logo, devemos partir de uma abordagem que “pretenda surpreender os usos reais que são feitos da língua e, por essa razão, pretenda fazer do texto objeto de ensino-aprendizagem” (Antunes, 2014, p.110), o que é a proposta da gramática contextualizada.

Também questionamos os estudantes sobre quais seriam as maiores dificuldades deles em relação à língua portuguesa, e tivemos respostas muito divididas: há quem admita ter “dificuldade em interpretação de texto”; há quem diz “não ter dificuldade”; e temos quem ressalta aspectos mais normativos, como “pontuação” e “acentuação”, tópicos que mais surgiram nas respostas, seguidos do de “figuras de linguagem”.

Com intuito de darmos luz às dificuldades dos alunos e, ao mesmo tempo, inserirmos uma abordagem contextualizada de gramática na escola, consideramos as respostas deste questionário inicial para a preparação das demais ações do projeto. O que foi possível verificar neste primeiro contato com os alunos, é que as pressões relacionadas ao ensino de língua portuguesa, bem como uma abordagem distante dos usos sociais da língua, corroboram com a visão apresentada pela maioria dos estudantes, a qual tentamos desconstruir ainda neste primeiro contato na escola, no qual trabalhamos, por meio de textos como “tiras”, “quadrinhos” e “memes”, a questão da variação linguística.

Visto isso, entendemos que a atuação do Centro de Descrição e Análise Linguística se faz necessária, enquanto projeto de extensão, pois nos permite compreender, por meio da interação dialógica, os dilemas e as problemáticas que encontramos para se promover um ensino de língua portuguesa que desmistifique alguns pontos e sinalize uma série de potencialidades para os alunos do ensino básico. Desta forma, a partir do questionário aplicado em nossa aula inicial, buscamos fazer do diálogo a diretriz que orientou todo o desenvolvimento do projeto na escola, contribuindo com um ensino emancipatório e que contribuísse com a minimização das dificuldades linguísticas dos estudantes.

Considerações Finais

Em síntese, compreendemos que a realização de ações em contexto extensionista, como as que foram realizadas, promovem ganhos tanto para a escola, quanto para os estudantes universitários, pois oportunizam aos discentes da escola, e de forma simbólica e efetiva, a aprendizagem de conteúdos fundamentais para a sua constituição humana, linguística, leitora, cidadã e nas diversas esferas sociais, tal como propõe a nossa abordagem. Por outro lado, a

projeto coloca o graduando em contato com as práticas da profissão, promovendo o batimento entre teoria e prática e integrando-o ao ambiente escolar, o que fornece aos futuros professores as ferramentas didático-pedagógicas necessárias para planejar, desenvolver e executar aulas dinâmicas e eficazes entrelaçadas à conscientização de se trabalhar com a linguagem por meio de uma abordagem interacionista e contextualizada de gramática.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os participantes do projeto, os quais confiaram em nosso trabalho e no objetivo do projeto, e à Professora Késia Nascimento Gomes, pela parceria na realização da ação na escola.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando 'o pó das ideias simples'. São Paulo: Parábola, 2014.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

QUIMELLI, Gisele Alves de Sá. Interação dialógica: a voz da extensão universitária. In: QUIMELLI, Gisele Alves de Sá; GONÇALVES, Nadia Gaiofatto (Orgs.). **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016, p.17-36.